



Darcy Ribeiro (E) responde à proposta de Suplicy: "Seremos nós dois contra o resto"

No Senado, nova aliança PT-PDT

Suplicy e Darcy combinam atuação conjunta no 'clube'

Rosângela Bittar

BRASÍLIA — Num telefonema a Darcy Ribeiro (PDT), o senador eleito Eduardo Suplicy (PT-SP) cumprimentou o colega pela vitória e fez um convite: "Vamos fazer uma tabelinha?" O novo senador do Rio aceitou logo a proposta de atuação conjunta no Legislativo, a partir da posse em fevereiro, e fechou o time: "Seremos nós dois contra o resto". É a primeira vez, em seus dez anos, que o PT entra para o clube, nome que o senador e agora ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, usa para definir o Senado Federal, onde é forte o espírito de corpo e o convívio amistoso predomina sobre a divergência. Além de ser a grande inovação real na composição da Casa, a chegada do petista é também o fato que está provocando maior expectativa no Parlamento.

Antes mesmo de assumir, Suplicy já promete abalar os senadores com uma proposta que os atinge pessoalmente, elaborando uma emenda constitucional que reduz de oito para quatro anos o mandato de senador. "O mandato atualmente é longo e provoca a acomodação do senador que se esquece dos seus compromissos de campanha eleitoral. Os votos que faltaram para derrubar o veto do presidente Collor à política salarial, em setembro, eram justamente de senadores que não precisavam enfrentar as urnas nas eleições desse ano", lembra Eduardo Suplicy.

Picinguaba — Quanto à rotina do Senado, ele pretende dar continuidade ao que define como a essência de sua vida parlamentar. "Vou me dedicar às questões econômicas, terei mais autonomia para arguir ministros, solicitar informações do governo, denunciar e investigar qualquer indício de desvio de recursos, participar mais da análise do orçamento e repercutir as proposições que saírem do governo paralelo do PT", anuncia o novo representante de São Paulo.

Para saciar a curiosidade que se manifesta até entre funcionários da Casa, Suplicy explica que atuará também numa faixa que um amigo lhe disse ser muito comum entre os senadores norte-americanos: a dos movimentos sociais, com uma preocupação centrada em assuntos como os direitos humanos e a liberdade política. Para evitar o modelo dos Estados Unidos, ele usa um exemplo brasileiro, que o Senado já teve: o do falecido senador Teotônio Vilela, do PMDB, símbolo das diretas-já.

Há quem não veja mudanças com a chegada de Suplicy. Para o senador Márcio Lacerda (PSDB-MT), "o PT no Senado é apenas a consolidação de um processo partidário no país". Afinal, logo após a proclamação dos resultados da eleição em São Paulo, o salão de chá anexo ao plenário do clube começou a propagar a história de Picinguaba, uma aldeia de pescadores entre Ubatuba (SP) e Parati (RJ), que concentra o maior número de senadores da República por metro cúbico de areia. Fernando Henrique Cardoso (PSDB), Severo Gomes (PMDB) e Eduardo Suplicy têm ali sua casa de praia. Unindo o agradável à militância, Suplicy resolveu organizar os moradores, mas foi a liderança de Dona Antonia, do PDS, que arrastou os peixes graúdos do clube de pescadores.

Políticos — O que define o novo Senado, renovado agora em apenas um terço de sua composição, segundo Lacerda, é o fato de ter se tornado mais político. Os eleitores fizeram a opção inversa à do ano passado, quando fugiram dos políticos tradicionais na disputa presidencial. Entre os 31 eleitos — um para cada estado antigo e três para cada um dos novos estados de Roraima e Amapá — há numerosos ex-governadores, ex-veredores, ex-prefeitos.

Pedro Simon (PMDB-RS), um político combativo, entra na vaga de Carlos Chiarelli, que apesar de ter sido relator da CPI da Corrupção, encarregada de apurar irregularidades que teriam ocorrido no governo Sarney, é definido na Casa como um homem de gover-



Simon, Beni Veras e Fernando Henrique levam o clube para o centro, enquanto outros senadores eleitos este ano, como o banqueiro Vieira e Garibaldi, o aproximam do governo Collor. Sarney promete ser uma das incógnitas do novo Senado



nos. Santa Catarina trocou o discreto Jorge Bornhausen, um político de bastidores, pelo barulhento ex-governador e ex-prefeito Espiridião Amin (PDS), que já tomou a providência de anunciar sua candidatura à Presidência da República em 1994.

Na Paraíba, o eleitor substituiu Marcondes Gadelha, um político que saltou da condição de autêntico do PMDB para o PDS e depois para a liderança do PFL, por Antonio Mariz, que fez o caminho inverso (saiu do PDS para o PMDB) e hoje é respeitado até por eventuais adversários de esquerda. O ex-prefeito de Natal, Garibaldi Alves (PFL) representará o Rio Grande do Norte em lugar do radialista Carlos Alberto. Do Piauí vem o ex-governador e chefe político Lucídio Portela (PDS), irmão de Petrónio Portela, morto em janeiro de 1980 no auge da missão de fazer a articulação política de um governo militar.

Coutinho Jorge, ex-prefeito e líder político do Pará, preenche a vaga de João Menezes, que tem entre suas maiores realizações o lançamento da candidatura à Presidência da República do general Leônidas Pires Gonçalves, então ministro do Exército do governo Sarney, aderindo logo depois à candidatura Collor.

O Maranhão trocou um ex-governador por outro igual, elegendo Epitácio Cafeteira (PDC) para o lugar de João Castelo (PRN). O ex-governador Flaviano Mello (PMDB) assume o Senado no lugar do pedetista Mário Maia. O Espírito Santo trocou o líder do governo José Ignácio Ferreira também por um ex-governador, Hélcio Álvares (PFL).

Empresários — Amazonino Mendes (PDC-AM), ex-governador, preencheu um espaço totalmente vago na representação do Amazonas, e os senadores Marco Maciel (PFL-PE), Odacir Soares (PFL-RO) e Albano Franco (PRN-SE) foram reeleitos para a sua própria cadeira, em nada modificando o perfil do Senado Federal. Brasília trocou um cearense jornalista por outro cearense jornalista, elegendo Valmir Campelo (PTB) para o lugar de Pompeu de Souza (PSDB). A mexida de peças no lado empresarial do tabuleiro, entretanto, foi consistente. O rico usineiro João Lira deixou a representação alagoana para o experimentado político Guilherme Palmeira (PFL).

Mas entrou Beni Veras (PSDB-CE), filho de um líder comunista, uma espécie de conse-

lheiro de respeitado grupo do empresariado moderno do nordeste, substituindo o banqueiro regional Afonso Sancho. O Amapá está enviando a Brasília exemplares das diferentes forças que sempre integraram o Senado — o ex-presidente José Sarney (PMDB), o empresário do tradicional grupo das empreiteiras, Henrique Almeida (PFL) e um representante do partido do presidente Collor, Geovanni Borges (PRN). Goiás trocou um político de atuação apagada — Mauro Borges — pelo empresário rico, dono da Onogás, Onofre Quinan (PMDB). E o Paraná elegeu o banqueiro José Eduardo de Andrade Vieira (PTB), esperado com simpatia no Congresso, para o mandato vencido do confuso Leite Chaves.

Trepidação — Embora tenha perdido um pouco da sua dose intelectual com a troca do senador Roberto Campos pelo ex-governador Júlio Campos (PDS-MT), e do intelectual progressista Mata Machado pela ex-vice governadora Júnia Marise (PRN-MG), o Senado, que já havia perdido em cultura com a morte de Afonso Arinos e Luis Viana, conseguiu preencher algumas dessas lacunas, com a eleição do intelectual liberal Josaphat Marinho (PFL-BA), e de Darcy Ribeiro (PDT-RJ) para a vaga do aplicado senador Jamil Haddad. "Darcy tem grande talento, pertence à família intelectual de Osvald de Andrade, pois gosta de surpreender com o inesperado, e vai agitar o Senado", imagina o senador Fernando Henrique Cardoso.

A seu ver, esse Senado, com renovação de um terço, não será mais nem menos conservador do que o atual. "Mas será um Senado mais nervoso, trepidante, disposto a usar o estilingue", define, citando as expectativas com a atuação dos eleitos Darcy, Suplicy e Amin. Fernando Henrique explica que o Senado é considerado um clube pelo estilo da convivência ali praticado: "São poucas pessoas, mais curtidas na vida política, que preservam uma relação direta e pessoal". Isso facilita, na sua opinião, a reflexão e o entendimento que sempre foram características da Casa, mas nada impede que uma dose de pimenta esquente o ambiente, pois "é bom que o entendimento não aconteça numa pas-maceira".